

AINDA HÁ TEMPO DE SER CRIANÇA?¹

Lucas Vargas Bozzato,

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Ricardo Rezer,

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Andrize Ramires Costa,

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir acerca do direito e da importância do tempo das infâncias em um contexto em que seus sentidos e significados vem sendo colonizados pela lógica do mundo adulto. Para tal, abordamos questões sobre o tempo, o brincar e o se-movimentar, de forma articulada à infância. Entendemos que o apressamento do tempo que impacta na vida das crianças deve ser repensado com urgência, para que as mesmas possam exercer, através de suas subjetividades, seu livre brincar e se-movimentar.

PALAVRAS-CHAVE: criança; tempo; brincar e se-movimentar.

INTRODUÇÃO

O modo de produção da vida pautado na lógica da sociedade ocidental privilegia sobremaneira o apressamento, com vistas a produção, lucro, acumulação e consumo. Atualmente, essa pressa toca a infância de maneira impactante, por entender a necessidade de naturalizar um processo de adultização a partir de uma concepção do “tudo rápido” (HONORÉ, 2007). Esse modo de produzir uma “criança organizada”, tendo seus minutos programados cronologicamente, contribui para uma geração de crianças estressadas, deprimidas e ansiosas, impactadas por expectativas que nelas são depositadas em detrimento de seu presente.

O uso racional, controlado e rígido do tempo na escola, apresenta uma concepção de de criança e da própria escola enquanto um sistema meramente produtivo que não comporta outras temporalidades (FERNANDES, MIGNOT, 2008). Ademais, este controle parece pouco se importar com a sensibilidade e a subjetividade da criança ou com seu presente.

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza.

Especificamente a Educação Física (EF), muitas vezes acaba por contribuir para o “encurtamento da infância”, transformando o próprio mundo mais essencial da criança: seu brincar, em um meio para a formação de uma vida produtiva, impondo seus sentidos e significados (COSTA *et al.*, 2013).

Cronometrar, medir e estimar seu brincar não faz sentido para o mundo infantil, pois a criança não espera nada com seu brincar, além do ato em si. Ela volta sua atenção ao presente e por isso articula suas práticas para além de se desenvolver, mas também resistir ao mundo adulto, usufruindo de elementos que possam suprir suas necessidades enquanto um ser que imagina, fantasia, experimenta e “curioseia²” (SOUZA, DONADEL, KUNZ, 2017).

Assim, partindo destas considerações iniciais, o objetivo deste trabalho é refletir acerca do direito e da importância do tempo das infâncias em um contexto onde as crianças têm suas subjetividades colocadas em segundo plano, e que tem seus corpos presos, desconsiderando os sentidos e significados que elas próprias atribuem ao seu brincar.

SOBRE UM TEMPO

De acordo com Elias (1998), o tempo é visto como o transcorrer de nossas vidas, fazendo com que pensemos muito em nosso futuro sem nos atentarmos ao presente. Neste sentido, o relógio, ferramenta feita por mãos humanas, assume o papel de controlar e palpar o tempo, calculando e encurtando o espaço, características fundantes da sociedade ocidental.

Honoré (2007), na lógica do culto ao “tudo rápido”, traz a criança como destaque para termos de organização de estruturas pedagógicas. Essa atenção ao ponto de partida reforça comportamentos, atitudes e habilidades para uma sociedade competitiva que parece “correr sem parar”, mesmo que, muitas vezes, pareça não saber bem para onde corre.

A escola por sua vez, diante da pressão socioeconômica e das exigências produtivas, glorificou uma identidade para a criança pautado no sucesso na aquisição de competências e habilidades. Costa, Kuhn e Ilha (2019) elucidam esta identidade inerte, quando a localiza em um meio competitivo em que não prioriza o espaço e tempo vital, isto porque há a necessidade de mecanismos de controle por parte dos adultos, justamente para garantir esse

² A palavra “curioseia” se coloca como desdobramento do verbo “curiosear”. Representa a curiosidade em movimento, ou seja, de adjetivo, a palavra ganha sentido de verbo, de ação, ação que pode ser fomentada de maneira muito significativa na EF escolar. Trabalhamos com a tese de que a infância representa uma condição humana que se funda no “curiosear”.

projeto de sociedade produtiva: o tempo dos períodos seguido de um sinal para a troca de professores, a hierarquia na sala, a intimidação de posturas, entre outros. Neste caso, parece possível inferir que o tempo da infância vem sendo cada vez mais colonizado (sem parcimônia) pelo mundo adulto.

Reconhecemos e concordamos que os adultos possuem responsabilidades para com a formação de novas gerações. Porém, a crítica se coloca no sentido de que, para assumir suas responsabilidades frente a isso, o mundo adulto não pode colonizar com tamanha intensidade o mundo infantil, a qual parte de seu tempo até a exploração da infância como fonte de lucro (brinquedos, roupas, entre outros). Como consequência paradoxal, se percebemos por um lado, o “encurtamento da infância”, por outro, percebemos o “alongamento da adolescência”, ou seja, adultos que parecem não conseguir sair de sua condição adolescente, por consequência, mantendo características desta fase, tais como, crise existencial, insegurança, conflito geracional, entre outras.

É HORA DE BRINCAR

A teoria de Kunz (2012) chamada “Se-Movimentar”, a qual é sustentada pelo “compreender-o-mundo-por-agir”, se desdobra ao mundo das crianças e a chama de “Brincar e Se-movimentar”, a qual de acordo com Costa e Kunz (2013), é “[...] o mundo de vida mais essencial da criança”, que, como ser brincante, brinca de maneira espontânea e livre em todas suas atividades, e através disso interage e dialoga com o mundo e com ela mesma. Para ela, o espaço e tempo possuem diferentes nuances. O espaço condiz ao protagonismo da criança ao seu brincar, ou seja, ela impõe seus próprios sentidos e significados, os quais se (re) materializam através de sua imaginação e fantasia. Do outro lado o tempo, o qual é ligado quase que exclusivamente ao presente.

Este tempo tão somente não condiz ao do relógio, mas sim, correspondem ao tempo vital da criança. Staviski, Surdi e Kunz (2013) explicam este tempo vital como seu próprio tempo de vida, em que sua atenção e intenção é direcionada ao tempo presente, ou seja, ela não brinca pensando em consequências ou resultados futuros como nós adultos, mas sim, porque esse é seu modo mais natural de existir.

Costa (2019) elucida essa diferença através de uma analogia aos deuses *chronos* e *kairós*. O primeiro é representado pelo tempo instrumentalizado, matemático e quantificável,

o qual a todos enquadra e oprime. Por outro lado, *kairós*, o tempo existencial e fenomenológico com significância em si mesmo, é atribuído pela autora ao brincar das crianças. Portanto, o adulto, localizado em *chronos*, enquadra e controla o tempo com o intuito de potencializar as atividades para as crianças, pois para ele, não faz sentido um tempo vivido e pleno em si mesmo, como o brincar (MATURANA, VERDEN-ZOLLER, 2004)

Cunha, Costa e Kuhn (2014) explicam que o tempo do brincar é orientado pelo sentimento de sua duração em relação a sua própria ação, ou seja, como seu brincar é alicerçado pelo prazer, essa sensação é mais intensa e alongada, possuindo até mesmo um caráter de “vai e volta” quando a criança sente seu “recomeço saboroso” de algo que não se extingue, dando-lhe a sensação mais ampliada e intensa o qual não a permite ter preocupações com o futuro.

TEMPO CONTRA O TEMPO

A “cronometrização da vida” na busca pelo controle do tempo e, portanto, do espaço, faz com que deixamos de apreciar processos e sentimentos. Se é no presente que encontramos a atenção das crianças, porque nos ater quase que exclusivamente ao que ela pode vir a ser no futuro? Certamente, a produção da vida não pode se resumir ao tempo presente pelo risco de uma absolutização do presente. Projetar cenários de futuro é uma potencialidade humana que não podemos abrir mão. Porém, há de se considerar que esta é uma característica que se funda na adolescência e se institui de maneira intensa na vida adulta. Já na infância, a produção da vida se funda no presente, na experiência do momento, experiência que se coloca com uma admirável intensidade, algo que necessitamos considerar, aprender e respeitar.

Para finalizar, o brincar, então teria, de fato, algum tipo de medida? Seu tempo caberia em um relógio? “Apostar” na estrutura temporal cronológica como modo exclusivo de pensar a infância, em um mundo que “corre” e que não se deve “perder tempo”, não nos parece a melhor aposta. Diante uma histórica leitura sobre o tempo, podemos perceber que este é visto e lidado de diferentes formas. Para Santo Agostinho o tempo era um dom divino – assim, a pretensão do ser humano controlá-lo seria um ato de heresia. Para o homem medieval, era algo mais ligado a natureza, o tempo de Deus, o qual balizava o tempo de plantio, trabalho, festejos e etc. Por outro lado, se a sociedade ocidental ainda mantém alguns elementos do medievo em nossos dias, o tempo cronológico (moderno) impera em nosso modo de produção

de vida. O tempo *kairós*, presente especialmente no brincar da infância, representa uma possibilidade de mundo que deve ser considerada como fonte de aprendizado para a produção da vida nas mais distintas sociedades que constituem o planeta.

A corrida para uma vida de “sucesso”, ser “o melhor” perante a exaustiva competição que este modelo de sociedade projeta, exige nosso tempo de reflexão, ponderação e ação, na direção de compreender que outros mundos são possíveis, portanto, outras formas de pensar o brincar na infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que esquecemos que crianças são doutoras na arte do brincar, como forma de produção da vida inerente a sua condição humana. Ao que parece, desconsideramos a possibilidade de aprender com o brincar infantil, se de fato déssemos atenção, teríamos referências significativas para refletir acerca do que fazemos ao longo de nosso próprio “desenvolvimento”.

“Engolir” o tempo das crianças com nossos relógios traz consequências a esse Ser criança que se refletirá ao longo de sua vida. Cabe também, abrir uma possibilidade de olharmos para nós mesmos: afinal, o que estamos fazendo? Ser sensível ao presente adulto para que possamos ser mais humanos com nossos pares, *pari passu* a nossa capacidade de projetar o futuro, representa nossa potência de Ser Humano e de aprender a cuidar do tempo da infância. Desacelerar e respirar deve fazer parte de nosso processo, pois, afinal, será que tivemos nosso tempo de ser criança? Ou, será que ainda há tempo de ser criança?

Temos ainda uma preocupação com as consequências do distanciamento social na vida das crianças confinadas em domicílio, impedidas de brincar e se movimentar livremente, seja com os pares queridos ou estando em contato com a natureza. Também nos antecipamos no sentido de digerir as implicações do pós-confinamento/distanciamento social, tanto na Educação Infantil como na saúde física e mental de uma geração de crianças que ficará marcada para sempre como aquela que, no momento crucial de suas vidas, tiveram sua liberdade para brincar e se-movimentar impactadas significativamente.

IS THERE STILL TIME TO BE A CHILD?

ABSTRACT

The objective of this work is to reflect the rights and importance of childhood time in a context in which their senses and meanings have been colonized by the logic of the adult world. To this end, we address the issues of time and play and movement articulated to childhood. We understand that the rush of time that impacts on children's lives must be urgently rethought, so that they can exercise, through their subjectivities, their free play and self-movement.

KEYWORDS: *child; time; play and self-movement.*

¿TODAVÍA HAY TIEMPO DE SER NIÑO?

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es reflejar los derechos y la importancia del tiempo de la infancia en un contexto en el que sus sentidos y significados han sido colonizados por la lógica del mundo adulto. Para ello, abordamos los temas de tiempo y juego y movimiento articulados a la infancia. Entendemos que hay que repensar urgentemente la prisa del tiempo que impacta en la vida de los niños, para que puedan ejercitar, a través de sus subjetividades, su libre juego y moverse.

PALABRAS CLAVES: *niño; hora; jugar y moverse.*

REFERÊNCIAS

COSTA, A. R.; KUNZ, E. O “Brincar e Se-movimentar” como base teórico-filosófica para a compreensão do ser criança. In: HERMIDA, J. F., BARRETO, S. J. (Org.) **EDUCAÇÃO INFANTIL: temas em debate**. João Pessoa, Editora Universitária da UFPB, 2013. p. 51-74.

COSTA, A. R.; KUHN, R.; ILHA, F. R. S. O GOVERNO DOS CORPOS E A REGULAÇÃO DAS LIBERDADES INFANTIS. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 25, p. 25083, 2019.

CUNHA, A. C.; COSTA, A. R.; KUHN, R. Entre o tempo dos relógios e o tempo fenomenológico: a criança e o brincar. **Revista Internacional de Deportes Colectivos**. 19, 138-150, 2014

DE SOUZA, C. A.; DONADEL, T. B.; KUNZ, E. Sobre como tolhemos a curiosidade das crianças. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 192-204, 2017

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FERNANDES, R.; MIGNOT, A. C. V. (Orgs.) **O tempo na escola**. Porto: Profedições, Ida, 2008.

HONORÉ, C. **Devagar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KUNZ, E. Educação Física: a questão da Educação Infantil. In: GRUNENVALDT, J. T.; SCHNEIDER, O.; KUHN, R., RIBEIRO, S.D.D (Org.). **Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes**. Aracajú: Editora da UFS, 2007. p.7-22.

KUNZ, E. **Educação física: ensino e mudanças**. 3ª Edição. Ijuí: Unijuí, 2012

MATURANA, H; VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado á democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.